

## O SUJEITO, O ESPORTE E A TV: CONSIDERAÇÕES ESTÉTICAS E PEDAGÓGICAS SOBRE O TELESPETÁCULO ESPORTIVO<sup>1</sup>

**Allyson Carvalho de Araújo**  
Ms. UEPA/ESMAC  
**Karenine de Oliveira Porpino**  
Dr.<sup>a</sup>. UFRN

### RESUMO

*Investiga a relação estética entre o telespectador e o telespetáculo esportivo e discute o esporte no contexto da Educação Física a partir dessa relação, enfocando contribuições para o ensino na escola. A trajetória metodológica é balizada pela análise de conteúdo. Utilizou com corpus de análise as transmissões esportivas televisionadas. Os resultados apontam quatro eixos de discussão que podem contribuir para uma atitude reflexiva frente à articulação da realidade esportiva vivenciada com o escopo virtual do esporte, o telespetáculo esportivo. Palavras-chave. Educação Física. Esporte. Telespetáculo Esportivo.*

### ABSTRACT

*It investigates the aesthetic relation between the viewer and sportive spectacle television, and argues the sport in the context of the Physical Education from this relation, focusing contributions for the teaching in the school. The methodological trajectory is marked out with buoys by the content analysis. It used with analysis corpus as television sportive transmissions. The results point four axles of discussion that could contribute for a reflexive attitude front to the joint of the lived deeply sportive reality with the virtual target of the sport, sportive spectacle television. Keywords. Physical Education. Sport. Sportive spectacle television.*

### RESUMEN

*Investiga la relación estética entre el espectador y la televisión deportiva del espectáculo, y discute el deporte en el contexto de la educación física de esta relación, enfocando las contribuciones para la enseñanza en la escuela. La trayectoria metodológica es marcada hacia fuera con las boyas por el análisis del contenido. Utilizó las transmisiones deportivas de la televisión. Los resultados señalan cuatro árboles de discusión que podrían contribuir para un frente reflexivo de la actitud al empalme de la realidad profundamente deportiva vivida con la blanco virtual del deporte, televisión deportiva del espectáculo.*

### PARA PENSAR RELAÇÕES ENTRE ESTÉTICA E ESPORTE:

Com intenção de pensar as relações entre o esporte e a estética para além da relação objetivista que prima pela identificação da beleza clássica que o esporte rendimento propõe ao nosso olhar pensamos que é necessário refletir sobre a estética no nosso cotidiano. Assim, podemos considerar que a construção da memória imagética esportiva foi intensamente potencializada a partir do último século, no qual o esporte e a imagem deste passaram a despertar grande fascínio e atração de espectadores no mundo

---

<sup>1</sup> Este texto é uma interface da dissertação de mestrado intitulada “Um olhar estético sobre o telespetáculo esportivo: contribuições para o ensino do esporte na escola”, apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN.

todo. Como objeto de grandes eventos e audiências, o esporte passou a despertar em seus apreciadores ricas experiências estéticas. Porém, essa tendência estetizante não ocorreu somente no esporte, sendo este um fenômeno dentre tantos outros contextualizados numa estetização da vida cotidiana, como aponta Maffesoli (1996) e Baudrillard (1992).

Ao indicarmos o esporte como elemento para essa discussão, observamos que a veiculação de imagens esportivas espetacularizadas pelos meios de comunicação, especialmente pela TV, se constitui uma das possibilidades de vivência estética, de vivência do esporte, na contemporaneidade.

Compreender a dimensão estética presente na relação entre o telespetáculo esportivo e o telespectador é refletir sobre a tradicional concepção de estética estritamente relacionada à Arte para compreender que outras manifestações também podem desencadear as mais diversas sensações em seus apreciadores através da experiência estética.

Referimo-nos, portanto, a estética como forma de pensar as relações com o mundo pautado na *estesia*, como capacidade de perceber o mundo vivido a partir da sensibilidade do corpo, uma vez que “a ‘estesia’ diz mais de nossa sensibilidade geral, de nossa prontidão para apreender os sinais emitidos pelas coisas e por nós mesmos” (DUARTE JR, 2001, p. 136-137). Essa relação supracitada já havia sido anteriormente enfocada por Merleau - Ponty (1980; 1999; 2000) ao referir-se que a relação do homem com o mundo é uma relação estesiológica.

Considerando a relação entre o sujeito telespectador e o telespetáculo esportivo a partir do conceito de estesia questionamos:

1. O que nos sensibiliza nos telespetáculos esportivos?
2. De que modo o telespetáculo esportivo “prende” o indivíduo à frente da televisão?
3. Como se dá a relação entre telespectador e transmissão televisiva nessa interface da manifestação esportiva?
4. Como a compreensão dessa relação pode contribuir para pensarmos o esporte no contexto da Educação Física?

O objetivo do trabalho é investigar a relação entre o telespetáculo esportivo e o telespectador a partir de uma perspectiva estética, bem como discutir o esporte no contexto da Educação Física a partir dessa relação, enfocando contribuições para o seu ensino na escola.

A relevância do estudo se instala no hiato existente entre os estudos da mídia na educação física e a referência estética necessária a compreensão da relação entre sujeito e objeto da apreciação midiática. Tendo em vista o recorrente debate do esporte na área da Educação Física e, mais recentemente também do telespetáculo esportivo, pensamos que uma das possíveis lacunas que se registra é a negligência de uma leitura estética nessa formulação do esporte que atualmente se apresenta. Essa constatação foi expressa por Valter Bracht, em fala na mesa redonda pertencente à programação do GTT “Mídia e Comunicação”, dentro do XIV CONBRACE, no ano de 2005.

Em suas reflexões, Valter Bracht explicitou a inquietude do pensar para além do formato televisivo e sua intencionalidade de transmissão, deslocando o foco da discussão para os aspectos estéticos presentes na transmissão, considerando, desse modo, o telespectador e a produção midiática como elementos de uma experiência estética em evidência na atualidade.

## **METODOLOGIA**

A trajetória metodológica da pesquisa é balizada pela análise do discurso (BARDIN, 1977). Diante do conjunto de operações analíticas disponibilizadas pela autora

supracitada, colocamo-nos na posição de adaptá-las à natureza do material investigado e às questões propostas em nosso trabalho, considerando aproximações com o referencial da estética da comunicação (VALVERDE, 2003; PARRET, 1997) bem como a utilização de dois conceitos norteadores para a análise: a estesia e a percepção sinestésica.

Assim a técnica de análise se caracteriza como uma apreciação estética de programas de televisão, considerando as imagens televisivas como fontes de pesquisa. Enfocamos como fonte de investigação um noticiário televisivo de amplo alcance nacional com mais de 30 anos de exibição na Rede Globo de Televisão, o “Esporte espetacular”. Destacamos algumas reportagens utilizando como critérios a exaustividade de tais práticas esportivas na programação televisiva: a transmissão “ao vivo” da final da Copa América de Voleibol Masculino; uma reportagem que propõe a um grupo de publicitários formular uma campanha publicitária em favor de cada um dos cinco atletas indicados para compor o quarteto de ataque da Seleção Brasileira de Futebol para a Copa do Mundo de 2006; transmissão “ao vivo” da Meia-Maratona do Rio de Janeiro; uma reportagem sobre o I Campeonato Brasileiro de Basquete de Rua.

A apreciação das transmissões nos possibilitou a formulação de alguns eixos de discussão para pensar a relação entre o telespectador e o telespetáculo esportivo, bem como para refletir suas implicações pedagógicas.

## **UM OLHAR ESTÉTICO SOBRE O TELESPETÁCULO ESPORTIVO: IDENTIFICANDO EIXOS DE DISCUSSÃO**

Ver um objeto é ou possuí-lo à margem do campo visual e poder fixá-lo, ou então corresponder efetivamente a essa solicitação, fixando-o. Quando eu o fixo, anoro-me nele, mas esta parada do olhar é apenas uma modalidade de seu movimento: continuo no interior de um objeto a exploração que, há pouco, sobrevoa-os a todos, com um único movimento fecho a paisagem e abro o objeto. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 104-105).

O olhar que pensamos, como elemento que nos faz habitar o mundo, não é aquele que analisa formas e medidas quantitativamente, tratando de cores e geometrias para convencer-se do conhecimento do objeto como projetou Descartes (BOSI, 1990). O entendimento do olhar aqui tratado procura considerá-lo como uma atitude intencional de conhecimento, um ato de busca instigado por nossas propensões e afinidades, como faremos a seguir, a partir de nossa apreciação do telespetáculo esportivo.

Assim construímos e indicamos quatro eixos de discussão que podem ser pensados como frutos de nossa apreciação estética da transmissão televisiva e, ao mesmo tempo, desdobramentos para reflexão do esporte em ambiente escolar.

### **O SENTIDO DE PERTENCIMENTO**

O primeiro eixo por nós identificados entende que, para aquele que se propõe colocar-se perante a televisão para assistir ao esporte, em sua edição espetacularizada, já não é possível perceber-se indiferente ao que seu olhar mostra. Dada a velocidade de lances e ao emaranhado de apelos a cada momento, o telespectador envolve-se ao ponto de não perceber-se observando o telespetáculo, mas participando, assumindo-se cúmplice na relação estabelecida. Nesse momento, não há mais a segregação do objeto observado (telespetáculo esportivo) e do observador (telespectador); há, pois, um momento estésico, um arrebatamento sensível do sujeito.

É necessário, no entanto, uma identificação entre o sujeito e o objeto, como forma de o telespectador compreender-se pertencido àquele instante e reconhecer-se ao olhar o telespetáculo.

De sorte que o vidente, estando preso no que se vê, continua a ver-se a si mesmo: há um narcisismo fundamental de toda visão; daí porque, também ele sofre, por parte das coisas, a uma visão, por eles exercida sobre elas; daí, como disseram muitos pintores, o sentir-me olhado pelas coisas, daí, minha atividade ser identicamente passividade – o que constitui o sentido segundo o mais profundo do narcisismo: não ver de fora, como os outros vêem, o contorno de um corpo habitado, mas sobretudo ser visto por ele, existir nele, emigrar para ele, ser seduzido, captado, alienado pelo fantasma, de sorte que vidente e visível se mutuem reciprocamente, e não mais se saiba quem vê e quem é visto (MERLEAU-PONTY, 2005, P. 135)

Nesse imbrincamento fundamental formula-se, contudo, uma aproximação gradativa que encanta o telespectador para o enlace sensível em vários momentos da vida. Por inúmeros motivos, afinidades e propensões, o telespectador se vê imerso no universo das imagens televisionadas. Tomemos como exemplo a transmissão da final da Copa América de Voleibol Masculino no ano de 2005, veiculada no dia 07 de agosto deste mesmo ano dentro da programação do Esporte Espetacular.

Em nosso modo de ver, é possível observar ao longo de toda transmissão que um dos pontos recorrentes na veiculação das cenas é a comemoração. Em primeiro plano, esse tipo de cena evidencia um fazer coletivo que desencadeia em nós sensações de afetividade desse fazer entre os jogadores.

Consideramos que as cenas veiculadas na transmissão buscam evidenciar um sentido coletivo para agregar o telespectador ao evento transmitido, e fazemos aproximação com o que Maffesoli (1996) chama de ética da estética para indicar uma lógica coletiva que “repousa sobre o prazer e o desejo de estar junto” (MAFFESOLI, 1996, p. 56). O autor, agregando elementos para nos falar dessa lógica coletiva, ainda ressalta o sentimento de partilha, a experiência vivida compartilhada, experimentada em comum, como fundamento que liga essencialmente os sujeitos.

Também as imagens veiculadas a partir da torcida do telespetáculo nos proporcionam um sentimento de pertencimento, no momento que mostram outros sujeitos que, tal como com nós, estão dispostos a direcionar sua atenção ao espetáculo esportivo.

Nós, enquanto telespectadores, não nos sentimos sozinhos no ambiente em que estamos dispostos frente à televisão, ao contrário, nos sentimos agregados à grande massa de torcedores veiculados pela transmissão e, de certo modo, também buscamos proximidade com o perfil de torcedor mostrado, sendo a primeira sensação fundadora da segunda porque “o sentimento de existência, isto é, de sentimento de estar entre outros ou *sensus commun(al)is* precede o sentimento de valor” (PARRET, 1997, p. 180).

O autor supracitado, em linhas gerais, defende a tese de que a comunicação que compõe a trama social se fundamenta pela emergência estética de reciprocidade. No entanto, a comunicação geralmente não é percebida dessa forma, o que denota uma fragmentação na compreensão do ato comunicativo.

Esta crítica, colocada por Parret (1997) é fundamento de uma compreensão da comunicação enquanto relação simbiótica estabelecida entre as partes comunicantes. Esta relação é o que realmente efetiva a comunicação que transcende a informação e que considera os sujeitos como emissores e receptores ativos. No contexto de nossa argumentação podemos considerar que assumimos como telespectador a condição de um “ser-em-comunidade” (virtual e real) que, no seu coletivo-afetivo ato de comunicar, construímos sentimento de unidade de representação na comunicação com a imagem.

As questões que desejamos refletir referem-se à anestesia provocada pelo fascínio esportivo, potencializado em sua articulação com a mídia televisiva. Duarte Jr. (2001), ao se referir à anestesia, nos fala que esta é caracterizada, dentre outros elementos, por um embrutecimento de nossos sentidos, às vezes por hiper-estimulação, outras vezes pela não consideração desses. Daí nos vem a reflexão que talvez estejamos anestesiando nosso olhar perante o telespetáculo esportivo pelos dois caminhos apontados. Ora, se por um lado “consumimos” as imagens esportivas de forma instantânea (tal como nos são passadas), caracterizando uma hiper-estimulação; por outro, geralmente não temos/ buscamos elementos para refletir sobre essa situação.

Para o cenário educativo cabe pensar como essa construção espetacular do esporte televisionado, ao provocar êxtase em seus telespectadores, pode inebriar a reflexão sobre o esporte, inclusive no espaço escolar. E, desse ponto desdobram-se questões: os alunos/telespectadores, ao apreciarem o telespetáculo esportivo conseguem distinguir sua especificidade enquanto realidade espetacularizada do esporte? Não seria essa uma construção de um esporte idealista e produtivo, belo e perfeito, incitada pela mediação televisiva que, ao encantar o telespectador/ aluno, faz com que o sujeito não reflita para as verdadeiras intenções de mostrar esse esporte espetacular?

Diante dessas considerações fica a idéia de que o envolvimento do telespectador que se arrebatado pelo telespetáculo é fruto de uma intencional construção do formato televisivo para sensibilizar o sujeito através de apelos estéticos. No entanto, essa realidade pode e deve ser problematizada, dada as suas implicações para a compreensão do esporte atual, inclusive nas percepções de tempo e espaço a partir do telespetáculo esportivo como discutiremos agora.

## **OUTRAS PERSPECTIVAS DE TEMPO E DE ESPAÇO**

Neste eixo de discussão reafirma-se que diante da contemplação imagética do telespetáculo esportivo nos transportamos para um estado diferenciado na apreciação, na qual as perspectivas de espaço e de tempo são modificadas por nosso envolvimento com as cenas mostradas.

Um oportuno momento para demonstrar esses instantes de envolvimento, a nosso ver, é a transmissão da final da Copa América de Voleibol Masculino no ano de 2005, veiculada no dia 07 de agosto deste mesmo ano dentro da programação do Esporte Espetacular.

Ao nosso olhar, desde a abertura, feita por vinheta, enfocando jogadores em finalizações de jogadas envoltos em um turvo feixe de luz que parece nos teletransportar para o “mundo” do vôlei que ali se apresenta, para uma nova realidade em que o vôlei é o fenômeno de destaque, as imagens nos levam a uma sensação de proximidade, como se o evento nos atraísse ao seu encontro.

Percebe-se de forma clara a construção de uma outra estrutura, temporal e espacial, para a espetacularização dos eventos, inclusive os esportivos. Na especificidade do aparato televisivo, temos para a veiculação do esporte elementos emblemáticos como, por exemplo, o replay de lances inusitados (gols, pontos, faltas etc.) e o artifício da “câmera lenta” para focar detalhes na dramatização do jogo.

É possível, portanto, conceber sinteticamente duas concepções de tempo partindo da experiência de apreciação do telespetáculo esportivo, uma compreendida a partir do tempo de transmissão cronologicamente contado e outra considerando a vivência de apreciação do telespectador. Assman (1998), em um sentido mais amplo, nos fala também de um entendimento duplo sobre o tempo, considerando desse modo, o que ele

chama de tempo “contado” e o tempo vivido, apontando historicamente ainda o predomínio do primeiro sobre o segundo. Em suas palavras:

O predomínio do tempo “contado” (tempo cronológico) sobre o tempo vivido (Kairós) se implantou lentamente, especialmente desde a Idade Média e tornou-se um aspecto fundamental na racionalidade científica e da organização social da modernidade (ASSMAN, 1998, p. 207).

Acreditamos que, na apreciação do telespetáculo, se estabeleça também certa ambigüidade na relação com o tempo, pois o telespectador, mesmo estando imerso numa temporalidade cronológica estabelecida, consegue experienciar uma nova temporalidade ao estar envolvido no enlace estético com as sedutoras imagens do telespetáculo esportivo.

Também é possível na transmissão televisiva, perceber momentos em que as modificações oportunizadas pela veiculação de cenas esportivas deflagram a construção de novas perspectivas de espaço.

Por mesclar vários campos de visão, as câmeras fixas e móveis captam diferentes modos de perceber o evento, fragmentando a percepção visual do telespectador ao mesmo tempo em que oferece uma possibilidade singular de observar diversas perspectivas de uma mesma situação de jogo. Fazemos aqui aproximações com a concepção de espaço em Merleau-Ponty (1999, p. 328) ao afirmar que “espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”.

Percebemos que a experiência espacial possibilitada pelo telespetáculo esportivo não adere a lógica **geo-métrica** normalmente utilizada para referenciar locais ou ambientes, mas a uma perspectiva multireferencial. Dialogam em uma mesma transmissão sobre determinado evento esportivo, numerosos pontos de referência para a captação de imagens, oportunizando inúmeros arranjos espaciais entre o telespectador e o telespetáculo esportivo veiculado.

Essa suposta instabilidade espacial possibilita uma diversidade de perspectivas antes não pensadas a um sujeito, possibilita recorrer a um apanhado de elementos virtuais para experienciar novas sensações corporais. Como já argumentava Merleau-Ponty (1999) o que define o espaço é a relação estabelecida do sujeito com o mundo.

No tocante ao telespetáculo, ao que parece, a vivência do tempo e da multireferencialidade do espaço na apreciação, esconde a metrificacão do tempo e espaço no esporte vivenciado, cujas regras são estritamente rígidas e inadaptáveis. A estesia provocada pelos artifícios oportunizados pelo aparato televisivo pode ser levada a cabo na escola, a partir da problematização do tempo e do espaço na transmissão televisiva, para que os reais usos do tempo e do espaço no esporte não sejam desconsiderados, mas possam sim servir de base para a compreensão do fenômeno esportivo. Ao focar o esporte no contexto escolar, essas reflexões podem ser tomadas para questionar a rigidez dos formatos esportivos, fazendo o aluno perceber a possibilidade da formulação de um jogo para além dos cânones oficiais, e estabelecendo uma possibilidade espacial emergente das relações entre os sujeitos que jogam.

## **MÚLTIPLAS LINGUAGENS, MÚLTIPLAS SENSACÕES**

Um dos principais pontos de discussão na percepção do esporte a partir de sua veiculação televisiva é a criação de momentos de apreciação que articulam linguagens

sonora e visual<sup>2</sup>. Para Betti (1998), baseado em Buscombe, é peculiar da televisão esse imbricamento de linguagens.

A sensibilidade se encontra alterada pelas modificações do meio transmissor. Essa nova sensibilidade, que é conduzida pela construção de um formato que privilegia os estímulos audiovisuais, invoca nos sujeitos uma pseudo-completude do que se mostra, implicando na formulação de simulacros, substituindo o virtual em detrimento do real e, comumente, gerando em nós uma postura acrítica.

Para pensar sobre a formação do simulacro, Duarte Jr. (2001) nos diz

Simular: fazer de conta, fingir, aparentar. Verbo do qual deriva o conceito de simulacro, fundamental à análise de certas características de nossa modernidade tardia. Assim, o que veio se afirmando até aqui foi que os meios de comunicação constroem, atualmente, simulacros da realidade, através de imagens que tentam não só representar o mundo, mas, quase que num passe de mágica, substituí-los. O simulacro, pois, é colocado no lugar da própria coisa, repousando sua aparente vantagem, no fado de possuir mais atrativos que ela (DUARTE JR. 2001, p. 112).

Pensamos ser bem isto o que ocorre na formulação espetacular do esporte, a busca pela substituição por intermédio dos apelos estéticos. O simulacro do telespetáculo esportivo que busca distinguir-se do esporte vivencial, como já apontado por Betti (1998) ao falar sobre sua autonomia, também provoca nossos sentidos e incita sensações.

No componente visual há a compartimentalização pelo enquadramento da TV, enquanto no componente sonoro são acrescentados elementos não necessariamente presentes em uma partida de voleibol; a esse ambiente televisivo são acrescentados o locutor, músicas de vitórias e sonoridades que evidenciam as ações mostradas pela transmissão. A nosso ver, esse formato de apreciação do esporte nos fornece, talvez, mais elementos sobre o evento, mas nos deixa a angústia da tele-presença, do querer estar presente e em contato direto, sem mediações, gerando um jogo sedutor de distâncias e proximidades que mobilizam o telespectador a todo instante.

A principal mudança na percepção desse fenômeno se dá a partir da mudança no seu formato. Nesse ponto, a observação do telespetáculo esportivo evidencia explicitamente o seu direcionamento para o sentido auditivo e, principalmente, o visual, desencadeando uma nova sensibilidade dos sujeitos que apreciam o evento.

A sensibilidade se encontra alterada pelas modificações do meio transmissor. Essa nova sensibilidade, que é conduzida pela construção de um formato que privilegia os estímulos audiovisuais, invoca nos sujeitos uma pseudo-completude do que se mostra, implicando na formulação de simulacros, substituindo o virtual em detrimento do real e, comumente, gerando em nós uma postura acrítica.

Porém, é preciso considerar que a apreciação do esporte não substitui a sua vivência, a mobilização do sujeito pela televisão não substitui a sua experiência na situação de um jogo esportivo, por exemplo. Em nosso pensamento essas vivências são complementares, intercambiantes.

Para pensar as implicações das reflexões aqui contidas para o cenário da Educação Física escolar, indicamos que o imbricamento de linguagens, presente na apreciação do telespetáculo esportivo, pode contribuir para compreendermos a necessidade

---

<sup>2</sup> Cabe aqui o registro de que na opinião de alguns autores, tal como Santaella (1996), todas as mídias têm o seu caráter híbrido de linguagens, em que se misturam códigos em uma conjugação simultânea de linguagens.

da articulação de várias linguagens em torno das manifestações da cultura de movimento, em especial o esporte, para promoção de uma fazer pedagógico mais rico e menos tecnicista.

### **MODELOS DE BELEZA: APARÊNCIA DOS CORPOS E PERFORMANCES TÉCNICAS**

Pensamos que nas transmissões televisivas, do esporte espetáculo, observadas é se estabelece uma nova possibilidade de concepção de beleza atrelada ao esporte que, mesmo ainda voltada ao ideal clássico de beleza baseado na perfeição, abre perspectivas de ação deslocando a busca da perfeição do gesto técnico para a sua eficiência.

Pensemos... Se por um lado o deslocamento do foco da perfeição técnica para a eficiência do gesto demanda um aprimoramento das formas de instrumentalização do corpo, por outro, esse mesmo deslocamento oportuniza o surgimento de novas formas de ação, de criação de movimentos, para além da técnica perfeita, o que, dentro da especificidade do jogo, evidencia a plasticidade corporal e sua capacidade criativa.

Em nossa apreciação, percebemos que o atleta é ovacionado pela conquista do ponto e não por seu perfeito desempenho técnico. Em verdade, o que caracteriza a estética do jogo é “o elemento adicional da performance, que revela todos os tipos de habilidades pessoais, a interpretação individual e a abertura para o evento que eles criam (enquanto é criado)” (WELSCH, 2001, p. 153).

É com base neste argumento, trabalhados sob a lógica dos modelos de beleza corporal e técnica, que apontamos a intensidade de sensações provocadas pelo esporte e potencializadas pelo esporte enquanto espetáculo, caracterizando a estesia no sujeito. A sensibilização trilha caminhos que não só indicam a beleza, mas também outras categorias estéticas tais como o feio ou o cômico, desde que estejam em sintonia com a dramatização do evento esportivo.

As implicações educativas apontam para a necessidade de considerar que o aluno não deve ser pensado como sujeito refém dos modelos, mas que, a partir de um olhar sensível, seja capaz de criticá-lo e contextualizá-lo. Em nosso trabalho, preferimos pensar na relação entre o telespectador e o espetáculo como um diálogo que enaltece a intenção do olhar do apreciador perante as imagens.

Assim, consideramos a hipótese de que a televisão trabalha com modelos e que, em parceria com a publicidade, indica padrões de comportamentos, gostos e desejos, ou seja, a associação da mídia televisiva com a publicidade tem na experiência estética do telespectador/ consumidor um ponto imprescindível para a venda de produtos, bem como para veicular valores e pensamentos que lhes são necessários. Entretanto, o telespectador pode apresentar-se como sujeito ativo no processo recíproco de comunicação; perante ele é possível pensar nos modelos como propostas operativas.

### **EDUCAÇÃO E SENSIBILIDADE: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS PARA A ARTICULAÇÃO ENTRE O SUJEITO A TV E O ESPORTE**

Pensamos que talvez a idéia de consideração dos meios de comunicação, em especial a televisão, em ambiente educativo possa contribuir para a uma construção conjunta da concepção de esporte, já que “pela crescente capacidade de fornecer o espetáculo esportivo em sua totalidade, inclusive a sua dimensão virtual, usufruindo da tecnologia a seu serviço, a mídia passa a ser principal produtora dos sentidos e significados válidos/ validados socialmente sobre esporte” (PIRES, 2001, p. 102).



No entanto, destacamos como necessário considerar a sensibilidade do aluno como forma de contribuir para que ele mostre um saber que “se revela como um captar o mundo, ou certas particularidades suas, de modo inteiro ou global, sem a dissecação analítica implicada no exercício de uma razão especializada” (DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 193).

Em se tratando de apreciação do esporte como espetáculo, visualizamos na educação estética uma possibilidade de sensibilizar os espectadores para uma dimensão mais crítica do esporte, pois a educação sensível

Nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana. Desenvolver e refinar os sentidos, eis a tarefa, tanto mais urgente quanto mais o mundo contemporâneo parece mergulhar numa crise sem precedentes na história da humanidade. (DUARTE JR., 2001, p. 14)

O nosso investimento estético sob o telespetáculo esportivo não se propõe como conclusivo e explicativo. Ele busca sim a compreensão da relação estética estabelecida na apreciação do telespetáculo esportivo. Os indicativos elencados para subsidiar a discussão são possibilidades vislumbradas por nós, a partir de nossa experiência estética, e que também não se propõem como únicos. Admitimos, assim, a abertura à significação que o telespetáculo oportuniza e colocamos neste trabalho a nossa contribuição.

Esperamos que nossos alunos sejam desejantes e fascinados pelo esporte, real e virtual. Que por seu fascínio não percam sua criticidade e que por sua criticidade não percam sua sensibilidade. Desejamos que eles se permitam envolver com o esporte televisionado, mas que ao mesmo tempo tenham consciência que esse envolvimento pressupõe uma co-dependência entre ambos e que, portanto, é possível modificações infinitas entre as partes que compõem essa relação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Allyson Carvalho & PORPINO, Karenine de Oliveira. Esporte e televisão: novas possibilidades, outras implicações. **Revista do Paidéia**: revista brasileira de ensino de arte e educação física. Natal: UFRN/ PAIDÉIA/ MEC, 2005.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa : Edições 70, 1977.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**: ensaios sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papirus, 1992.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.

BOSI, Alfredo. **Fenomenologia do olhar**. In: Novaes, Adalto (Org.), O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DUARTE JR. João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

\_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação da UNIMEP, Piracicaba, 1999.

\_\_\_\_\_. **Corpo, estética e conhecimento**. IN: ALMEIDA, Maria da Conceição; KNOBB, Margarida & ALMEIDA, Angela Maria. Polifônicas idéias: por uma ciência aberta. Porto Alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. **Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. 2ª ed. Natal: EDUFRN, 2005

PARRET, Herman. **A estética da Comunicação**. São paulo: Editora da Unicamp, 1997.

PIRES, Giovani De Lorezi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

PORPINO, Karenine de Oliveira. Interfaces entre corpo e estética: (re) desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na educação física. In: LUCENA, Ricardo de F. & SOUZA, Edílson Fernandes (Org.). **Educação física, esporte e sociedade**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2003.

\_\_\_\_\_. **Dança é Educação: interfaces entre corporeidade e estética**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

VALVERDE, Monclar (Org.). **As formas do sentido: estudos em estética da comunicação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

\_\_\_\_\_. A transformação midiática dos modos de significação. **Texto de cultura e comunicação**. Salvador: Facom – UFBA, n. 28, p. 45-47, segundo semestre de 1992.

\_\_\_\_\_. A dimensão estética da experiência. **Texto de cultura e comunicação**. Salvador: Facom – UFBA, n. 37/38, p. 47-61, dez. 1997.

\_\_\_\_\_. Corpo e Sensibilidade. IN: Anais do **III SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**. Salvador, 1998.

\_\_\_\_\_. Estética e recepção. In FAUSTO NETO, A. ; HOHLFELDT, A. ; PRADO, J. L. PORTO, S. D. **Comunicação e corporeidade**. João Pessoa: Ed. UFPB, Compôs, 2000.

WELSCH, Wolfgang. Esporte – Visto esteticamente e mesmo como arte? In: ROSENFELD, Denis L (Org.). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

#### **Contato:**

Allyson Carvalho de Araújo.

Trav. Mariz e Barros, nº 2617

Ed. Francisco Carrapatoso, apto - 202.

Belém – PA.

[allyssoncarvalho@hotmail.com](mailto:allyssoncarvalho@hotmail.com)